

A nova oratória

29 ABR 1988

O senador Divaldo Suruagy, que é um dos mais assíduos e operosos participantes da obra de elaboração da Nova Constituição Federal, acaba de enviar-me, com expressiva dedicatória, dois exemplares dos seus últimos livros, sendo que o primeiro, intitulado "Critérios da Vida", é um volume de mais de 200 páginas, contendo uma série de crônicas do mais encantador sabor literário, e que explica a sua presença marcante na Academia Alagoana de Letras — enquanto que o segundo, sob a epígrafe de "Análise de um Governo", trás o sentido político-parlamentar da oratória polêmica, dentro da qual o político alagoano se locomove com a agilidade elétrica dos porquês nos igapós amazônicos.

O discurso em questão foi pronunciado da tribuna do Senado, na sessão do dia 5 de abril corrente, e teve por objetivo analisar as últimas atitudes públicas e políticas do atual governador de Alagoas, sr. Fernando Collor de Melo, cuja luta contra os "marajás" da alta administração do seu Estado, não encontrou receptividade no espírito de Divaldo Suruagy, que nega o caráter escandaloso que o chefe do Executivo da Terra dos Marechais está emprestando à situação salarial dos desembargadores seus conterrâneos, os quais, segundo as assertivas do senador Suruagy, são os mais mal pagos de toda a magistratura brasileira, pois, aposentados com mais de 30 anos de atividade, percebem uma base líquida de 180 mil cruzados, sem poderem exercer qualquer outra profissão, a não ser a do ensino, que nem sempre lhes está disponível.

O senador acusa o governador do seu Estado de tentar confundir a opinião pública brasileira, com o claro e visível intuito de projetar-se, eleitoralmente, na mira pueril de chegar, por qualquer forma, à presidência da República — que lhe deve pairar a uma distância tão remota quanto as estrelas estão dos infelizes batráquios que coaxam nos pantanais do nosso mundo.

Dentre os males que Divaldo Suruagy atribui à responsabilidade de Fernando Collor, e que estão flagelando o Estado de Alagoas, são apontados os seguintes: rompimento com o governo federal, impedindo-o de receber os recursos que nenhum Estado deixa de receber, e sem os quais é quase impossível a uma unidade federativa sobreviver, principalmente uma província pobre e carente como é Alagoas; incompatibilização total com o Tribunal de Justiça, com o Tribunal de Contas, com a magistratura, com o Ministério Público, com o funcionalismo, com o empresariado, e ultimamente, até com o Supremo Tribunal Federal. Como consequência, o desenvolvimento do Estado sofre tremenda estagnação, com a diminuição do giro comercial e industrial, a refletir-se na arrecadação fazendária e na retração do mercado de trabalho, pela ausência de empregos e a paralisação das obras públicas. A situação do funcionalismo público não pode ser mais acabrunhante, com o único recurso a greves periódicas, que só conduzem ao despovoamento das repartições e ao colapso do serviço público, que deixa de ser ativado e escriturado.

O senador conclui o seu lóbulo verbal, lamentando o sofrimento dos alagoanos e deplorando que esteja faltando ao seu governador a necessária grandeza de alma e uma elementar humildade de coração para evitar tantos desmandos contra a sua terra e a sua gente. E acrescenta que "a política, mais que qualquer outra atividade humana, deve ser feita com ética, com moral e com elevação de espírito".

O político, geralmente, é um exemplo do bem e do mal, como decorrência da sua maneira de ser, de proceder, de conduzir soluções que afetam a vida de milhões de criaturas humanas. A demagogia, a falsidade, a calúnia, devem ser eliminadas daqueles que querem governar os povos. Os atos do Poder têm efeitos profundos e multiplicadores, perdendo a autoridade que os gerou, o controle sobre sua capacidade de construir e criar, o que leva a máquina administrativa à anarquia das suas forças inexoráveis. O governador Collor em sua ânsia de publicidade, deflagrou forças que não poderá mais controlar, e as consequências se farão sentir no pobre povo que o suporta. Esqueceu ele que governar é promover o desenvolvimento, é fazer o bem, é apoiar o sistema produtivo, é ser um estabilizador, e nunca um desagrador da sociedade.

Com estes conceitos finais, Divaldo Suruagy encerra a sua bela oração, que irá ficar como uma das manifestações verbais mais claras e sensatas que já repercutiram no âmbito do Congresso Nacional.

— Com mais vagar, abordarei aqui as impressões que me ficaram no livro de crônicas de Suruagy, "Critérios da Vida", que reputo um dos belos livros que já me passaram pelas mãos. A página sobre "Mãe", é uma joia de estilo e de sentimento.

Transcrito de O Liberal 21/04/88-